

RELIGIOSIDADE E BRASILIDADE EM MANUEL BANDEIRA

André Caldas Cervinskis (PROLING/UFPB)
Wilma M. de Mendonça (PPGL/PROLING/UFPB)

RESUMO

Atento à nossa história e às manifestações culturais populares, Manuel Bandeira é, sem dúvida nenhuma, um dos nossos primeiros modernistas a transformar, em matéria poética, a afetividade e a cordialidade brasileira, no trato com o código lingüístico e com o código religioso europeu, impostos, entre nós, pela violência etnocêntrica da colonização. Nessa perspectiva, buscamos observar, na obra bandeiriana, as marcas dessa religiosidade brasileira que, ao transformar o sagrado em experiência pessoal e afetiva, ressemantizam o convencionalismo e a sisudez do sistema sagrado branco, enquanto funcionam, literariamente, como traços específicos de brasilidade, de diferença, portanto, entre a nossa feição religiosa e o perfil religioso dos colonizadores.

PALAVRAS-CHAVE: código lingüístico; código religioso; etnocentrismo; brasileiridade.

ABSTRACT

Attentive to our history and popular cultural events, Manuel Bandeira is, without a doubt, one of the first modernists to transform, on poetry, the Brazilian warmth and affection, in dealing with the linguistic code and the European religious code, imposed on us, by the ethnocentric violence of colonization. From this perspective, we observe, in the work of Bandeira the marks of Brazilian religiosity that, in making the sacred in personal and affective experience, re-signify the conventionalism and seriousness of the sacred white system, while working, literarily as specific traits of Brazilianity and difference therefore, between our religious garb and the colonizers' religious profile.

KEY-WORDS: linguistic code; religious code; ethnocentrism; Brazilianity

Desde a publicação de sua primeira obra, *A Cinza das Horas* (1917) até *Mafuá do Malungo* (1954), seu último livro, a poética de Manuel Bandeira tem se caracterizado pela afetividade e informalidade no trato com o sagrado, que permeou toda obra de Manuel Bandeira. O “cristianismo moreno”, definição de Eduardo Hoonart para o catolicismo que se desenvolveu sob a égide do colonizador português, mas que sofreu influências ameríndias e africanas, contrapõe-se ao chamado “patriarcal” cultivado pelos colonizadores e posteriormente pelas elites até o século XIX, até a romanização da igreja latino-americana.. A prática religiosa cultivada até essa época possuía fortes características anti-ritualistas, algumas chegando ao profano.

Na esteira da formação dessa religiosidade, vemos florescer uma Igreja completamente diferente da que aqui se tentou implantar a partir do século XVI com a vinda das congregações religiosas, jesuítas e franciscanos principalmente. Os indígenas não aceitavam os preceitos de monogamia, moralidade e monoteísmo impostos pelos missionários. Condicionando os nativos a seu modo colonizador de relacionar-se com Deus, tais missionários foram muitas vezes até bem intencionado, querendo implantar no Brasil a utopia da “terra sem males” tupinambá. Mas, impregnados pela mentalidade de superioridade colonizadora e proselitista própria da época, demonizaram os mitos indígenas, para, com isso apagar o que enxergavam como *superstições religiosas*. Nesse sentido, grande foi a luta desses com os pajés, que, ao contrário dos prelados cristãos, ofereciam curas baseadas na ação dos espíritos e da natureza (HOONAERT, 1991a, p. 115-128). Essa religiosidade alegre e pura que o ameríndio trouxe no encontro com o europeu transfigurou-se numa nova abordagem da sexualidade.

Toda a literatura sobre a distinção entre o corpo vestido do europeu e o corpo desnudo do indígena manifesta claramente esse complexo que habita o europeu: ou reprimir ou avançar agressivamente [...] O cristianismo da primeira evangelização tem certamente culpa na formação dessa neurose coletiva, pois ele nunca ensinou a celebrar o sexo como um sacramento de Deus, uma forma de se aproximar de Deus e de viver a graça santificante (HOONAERT, 1991a, p.127-8).

Essa religiosidade tipicamente brasileira, avessa aos formalismos e sentimentos de distanciamento entre o fiel e o sagrado, manifesta-se por meio de um devocionismo todo peculiar. Segundo Pedro Oliveira, no Brasil,

[...] as relações entre o fiel e os santos têm duas modalidades básicas. A primeira é a relação devocional. Trata-se de uma relação de aliança entre o fiel e o santo. Tal relação, uma vez estabelecida (pela consagração no batismo, por voto ou por tradição familiar, geralmente) não deve ser mais rompida. O fiel é devoto de um determinado santo e pode ter nele um ponto de apoio: o santo desempenha o papel de um “padrinho celeste”, com todas as obrigações mútuas de afilhado-padrinho (e quantas famílias não pegaram literalmente algum santo como padrinho/madrinha de batismo, até pouco tempo atrás?). [...] A segunda modalidade entre o fiel e o santo é a relação contratual. Um contrato explícito ou tácito é feito ente o fiel e o santo, tendo em vista a obtenção de uma “graça”. (OLIVEIRA et al, 1976, p. 18)

Atento à nossa história e ao nosso povo, Bandeira foi o primeiro a representar, em sua poesia e em sua prosa, a afetividade, a cordialidade brasileira, no sentido que Sérgio Buarque de Holanda empresta a essa palavra, no trato com o sagrado. Assim, em 1930, em *Libertinagem* definirá essa fugidia, mas patente brasilidade, em estreita analogia com o divino, como podemos observar em *O anjo de guarda* e em *Oração a Santa Terezinha do Menino Jesus*: “Quando minha irmã morreu/ (Devia ter sido assim)/ Um anjo moreno, violento e bom – brasileiro/ Veio ficar ao pé de mim./ O meu anjo da guarda sorriu/ E voltou para junto do Senhor./ Quero alegria? Me dá alegria,/ Santa Teresa!/ Santa Teresa não Teresinha.../ Teresinha.... Teresinha.../ Teresinha do Menino Jesus” (BANDEIRA, 1993 p. 138). A devoção aos anjos, aliás, é recorrente em diversos poemas, como conotações explicitamente religiosas ou não (“A Estrela e o anjo”, p. 164; “Jacqueline”, p. 157), como no *Acalanto a John Talbot*: “Dorme, meu filhinho,/ Dorme sossegado/ (...) O anjinho da guarda/ que o Senhor te deu,/ Pode adormecer/Pode descansar/ Que te guardo eu” (BANDEIRA, 1993, p. 181)

No poema *Oração a Santa Teresa* (BANDEIRA, 1993, p. 304), a relação do poeta com Teresa, a Grande, é expressa nos seguintes versos: “Santa Teresa olhai por nós/ Moradores de Santa Teresa/ (...) Antigamente, o bonde era no largo da Carioca atrás do chafariz/ Na estação tinha uma casa de frutas/ Onde o chefe de família/ Podia comprar a quarta de manteiga de sal/ a lata de biscoitos Aimoré/ a língua do Rio Grande/ O homem das balas recebia recados, guardava embrulhos/ De vez em quando havia um desastre na manobra do reboque/(...) rogai pelos tísicos/ Rogai pelos cardíacos/ Rogai pelos tabéticos/ Rogai pela gente de fôlego curto/ Rogai por mim e pelo pintor Artur Lucas/ (...) Nos fundos do Teatro Lírico/ Tem um mictório/ Rogai

pelas donzelas do morro obrigadas a passar diariamente em frente ao [mictório/ Santa Teresa rogai por nós/ Moradores de Santa Teresa/ Estamos comendo da banda podre/ Faz um ano”. Bandeira apresenta a uma de suas santas de predileção (a outra é Santa Teresinha) pedidos simples (comprar ‘a lata de biscoitos Aimoré’ ou “a quarta de manteiga de sal”) de uma maneira coloquial, usando termos populares (“comendo da banda podre”). Não reza somente por si (“tísicos”, “gente de pouco fôlego” – Bandeira era tuberculoso), mas também por outros infelizes: cardíacos, tabéticos (que sofrem de sífilis da medula espinhal) e até por um amigo, Artur Lucas.

Mas Bandeira também apresenta reclamações, e não somente louvores, aos santos. Na oração a Nossa Senhora da Boa Morte, o autor recorre à Mãe de Deus ao ver frustrada suas súplicas às duas Teresas e mesmo á Santa Rita de Cássia:

Fiz tantos versos a Teresinha.../ Versos tão tristes, nunca se viu!/ pedi-lhe coisas. O que eu pedia/ Era tão pouco! Não era glória../ Nem era amores...Nem era dinheiro.../ Pedia apenas mais alegria:/ Santa Teresa nunca me ouviu!/Para outras santas voltei os olhos./ Porém as santas são impassíveis/como mulheres que me enganaram./ Desenganei-me das outras santas/ (Pedia muitas, rezei a tantas)/ Até que um dia me apresentaram/ a Santa Rita dos Impossíveis./ Fui despachado de mãos vazias!/ Dei volta ao mundo, tentei a sorte/ Nem alegrias mais peço agora/ Que eu sei o avesso das alegrias./ Tudo o que viesse, viria tarde!/ O que na vida procurei sempre,/ - Meus impossíveis de Santa Rita - / Dar-me-eis um dia, não é verdade?/ Nossa Senhora da Boa Morte! (BANDEIRA, 1993, p. 154/5)

Como todo bom brasileiro, Bandeira tinha um fé incondicional em Nossa Senhora, pois sabia que ela intercedia pelas situações mais corriqueiras que podiam afligir seus filhos espirituais:

À VIRGEM MARIA: “O oficial do registro civil, o coletor de impostos, o mordomo da Santa Casa e [o administrador do cemitério de São João Batista./ Cavaram com enxadas/ Com pás/ Com as unhas/ Com os dentes/ Cavaram uma cova mais funda que o meu suspiro de renúncia/ Depois me botaram lá dentro/ e puseram por cima/ As tábuas da lei/ Mas lá de dentro do fundo da treva do chão da cova/ eu ouvia a vozinha da Virgem Maria/ dizer que fazia sol lá fora/ Dizer/i n s i s t e n t e n t e m e n t e/ que fazia sol lá fora”. Por isso mesmo, o poeta relaciona-se com Santa Maria com proximidade, apresentando-lhe problemas banais: “Nossa Senhora me dê paciência/ para estes mares para esta vida!/ Me dê paciência para que eu não caia/ Pra que eu não pare nesta existência/ Tão mal cumprida tão mais cumprida/ Do que a restinga de Marambaia.” (BANDEIRA, 1993, p. 137)

A maioria dos brasileiros está acostumada a rezar sempre às 18h o *angelus* ou hora da graça, que representa a anunciação do anjo Gabriel da gravidez divina de Maria. Bandeira reproduz essa devoção em pelo menos três poemas: dois intitulados “Anunciação” (um no livro *Estrela da Tarde* e outro no *Mafuá do Malungo*) e um terceiro chamado “Alegrias de Nossa Senhora” (este último em forma de auto, com vários coros). Ao final deste, o poeta fala pela voz do coro: “Morte, onde está tua vitória?/ Pela primeira vez foste vencida,/ Maria, Mãe de Deus, alegre-te!/ Teu filho ressurgiu, divino,/ Hosana! Hosana! Hosana!” (BANDEIRA, 1993, p. 225)

Registramos também invocações a outros santos, como Santa Rosa (“Poema para Santa Rosa”), Santa Clara (“Oração para Aviadores” – curioso ele lembrar-se dos aviadores!) e São Francisco (“Oração”). Nesse caminho, escreverá em 1936 o *Conto Cruel (Libertinagem)* em que tratará Jesus Cristo, o Salvador, com a mesma intimidade com a qual o povo brasileiro trata seus santos e a si mesmo: “Vinte minutos.... Quem disse que o sono chegava? / Então, ele implorou chorando: / – Meu Jesus Cristinho/ /Mas Jesus Cristinho nem se incomodou”. (BANDEIRA, 1993, p. 160)

Na obra bandeiriana, há poemas que são verdadeiros autos de natal, relembrando o tradicional ciclo natalino como o pastoril, manifestação popular de herança luso-brasileira ainda fortemente encontrada em Pernambuco. Como exemplo, citamos “Pressepe” e “Canto de Natal”. Vejamos alguns versos deste último: “O nosso menino/ Nasceu em Belém./ nasceu tão-somente/ para querer bem./ Nasceu sobre as palhas/ O nosso menino./ mas a mãe sabia/ que ele era divino./ (...) Por nós ele aceita/ o humano destino:/ Louvemos a glória/ de Jesus menino” (BANDEIRA, 1993, p. 192-193)

Os rituais religiosos não esquecidos, como se percebe no *Poema de Finados*: “Amanhã que é dia dos mortos/Vai ao cemitério. Vai/ e procura entre as sepulturas/ a sepultura de meu pai.” (BANDEIRA, 1993, p. 144). No poema “Macumba de Pai Zuzé” (BANDEIRA, 1993, p. 141), o poeta ressignifica a religiosidade afro-brasileira com reverência, inclusive respeitando o linguajar próprio do terreiro: “Na macumba do Encantado/ Nego veio pai de santo faz mandinga/ No palacete de Botafogo/ Sangue de branca virou água/ Foram vê estava morta!”

A poesia de Manuel Bandeira é influenciada por toda essa herança cultural. Nasceu em 1886 no Recife e morreu em 1968 no Rio de Janeiro, descendente de família abastada e tradicional em Pernambuco, foi herdeiro de um catolicismo que

poderíamos considerar conservador. Poderíamos perguntar: com tal origem, poderia Bandeira expressar uma religiosidade tipicamente popular? Sim, pois tal religiosidade, recheada de afetos e informalismos, apresenta um profundo senso de sacramentalização e conservação dos valores tradicionais. Em vida, Bandeira assistiu a um processo de ‘romanização’ da Igreja Católica no Brasil, que esteve dentro de um contexto mais amplo de reforma clerical em toda a América Latina. Traços desse catolicismo patriarcal ou conservador, da classe média e alta, faz-se presente em poemas como: “O brigadeiro é Católico”, do livro *Mafuá do Malungo*, em que faz apologia à candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes, destacando gestos de sua catolicidade e conseqüente aptidão para governar a nação: “O Brigadeiro é católico:/ Vai à igreja, ajoelha e reza./ Mas quando bate no peito,/ Bate em rocha de certeza:/ - É direito! (BANDEIRA, 1993, p. 302). Ou num poema em que reverencia o Papa Paulo VI, num sinal de que, como diversos católicos de época, aderiu às reformas do Concílio Vaticano II, que reformulou ritos e aproximou a Igreja do povo e da sociedade não-cristã:

Á SUA SANTIDADE PAULO VI: ‘Quando em torno de nós raiva o funesto/ Desvairo, e na infernal perplexidade/ Erramos o caminho da verdade/ Nos Santos Evangelhos manifesto,/ Baixem as luzes do divino Texto/ Pela boca de Vossa Santidade/ para reconduzir a cristandade/ ao aprisco do Pai, ó Paulo VI! (...) Falai, falai, que ouvir a vossa isenta/ Palavra é ouvir em meio da tormenta/ a voz de Deus na voz de um grande Papa’. (BANDERA, 1993, p. 248).

Embora seja uma característica de católicos de diversas correntes a acolhida ao Vigário de Cristo (dogma da infalibilidade papal), é interessante perceber que, passando por diversos papas em seus mais de 80 anos de vida, Bandeira tenha reverenciado justamente o consolidador das reformas do Vaticano II, sucessor de João XXIII, conhecido por sua abertura ao mundo. Na época de Paulo VI, a Igreja viveu seu momento de maior abertura dentro e fora da instituição, tanto em questões externas, como o diálogo com outras religiões (ecumênica), quanto questões internas (muitos padres foram dispensados de seus votos para casarem). Outro poema demonstra a pouca simpatia de Bandeira pela sisudez e burocracia características do Vaticano, o já citado *Poema para Santa Rosa*:

[...] Pousa na minha a tua mão, protonotária./ Gosto de ‘protonotária’./ Me lembra meu pai./ e pinta bem a quem eu quero./ Sei que ela vai perguntar: - o que é protonotária?/ Reponderei:/ - Protonotário é o dignitário da cúria Romana que expede, nas grandes/ [causas, os atos que os simples notários/ [apóstolos expedem nas pequenas./ [...] Santa Rosa me compreende./ Pousa na minha a tua mão, pronotonotária’. (BANDEIRA, 1993, p. 200)

Buscamos, nesse trabalho, as marcas dessa religiosidade brasileira que, ao transformar o sagrado em experiência pessoal e afetiva, ressemantizam o convencionalismo e a sisudez do sistema sagrado branco, enquanto funcionam, literariamente, como traços específicos de brasilidade, de diferença, portanto, entre a nossa feição religiosa e o perfil religioso dos colonizadores. Contemplando a obra bandeiriana, ao final dessa apresentação, podemos afirmar que, atento à nossa história e às manifestações culturais populares, Manuel Bandeira é, sem dúvida nenhuma, um dos nossos primeiros modernistas a transformar, em matéria poética, a afetividade e a cordialidade brasileira, no trato com o código lingüístico e com o código religioso europeu, impostos, entre nós, pela violência etnocêntrica da colonização.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., Davi (1990). *Humildade, Paixão e Morte: a Poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras.

BACIU, Stefan (1966). *Manuel Bandeira de Corpo Inteiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

BANDEIRA, Manuel (1993). *Estrela de Vida Inteira*. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio Editora, 34ª. Edição.

CARA, Salete de Almeida (1981). *Manuel Bandeira*. Coleção Literatura Comentada. São Paulo: Abril Cultural.

CERVINSKIS, André (2006). *Manuel Bandeira, Poeta até o Fim*. Olinda: Livrorápido.
COELHO, Joaquim – Francisco (1981). *Biopoética de Manuel Bandeira*. Recife: Ed. Massangana da Fundação Joaquim Nabuco/ FUNDAJ.

_____. (1982). *Manuel Bandeira Pré-Modernista*. Prefácio de Edson Nery da Fonseca. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, Ministério da Educação e Cultura. HOLANDA, Sérgio Buarque (1997). *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 26ª. Edição.

HOONAERT, Eduardo (1991a). *O Cristianismo Moreno no Brasil*. Petrópolis: Ed. Vozes.

_____. (1991b). *Formação do Catolicismo Brasileiro (1550-1800)*. Petrópolis: Ed. Vozes.

INSTITUTO DE PASTORAL DA JUVENTUDE (1984). *História da igreja no Brasil*. Cartilha. Porto Alegre.

MENDONÇA, Wilma Martins (2007). *O Bandeira de André Cervinskis*. In: Manuel Bandeira, Poeta até o fim. Posfácio. Olinda: 2ª edição, Ed. Livro rápido.

PONTIERO, Giovanni (1986). *Manuel Bandeira (Visão Geral de sua Obra)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.